

Editorial

“História e ciência em tempos de pandemia: reflexões e perspectivas”

Em junho de 2020, abrimos a chamada para submissão de trabalhos a este dossiê com a pergunta “Qual o papel da história diante de uma crise sanitária global?”. Conforme explica Edward Said (2005)¹, o que define um intelectual não é a detenção de poderes divinos ou supostamente estar posicionado à parte das sociedades, mas, sim, a capacidade e disposição de comunicação com o público, de representação do outro, compreendendo sua realidade e trazendo-a à cena pública. A lealdade do intelectual deve ser direcionada aos grupos oprimidos e que não consigam se ver representados na esfera pública. Assim, alertar para as consequências que a crise sanitária tem causado nesses grupos é um dos papéis que o historiador intelectual deve assumir, ainda que não necessariamente pertença a essas comunidades ou que isso signifique questionar seu próprio país.

A pandemia do novo coronavírus gerou, e continua gerando, consequências em diversas áreas da vida humana, exigindo adaptações a essa nova realidade. Os olhos do mundo voltaram-se às ciências, cobrando respostas e direções a se tomar para combater o vírus. A história, em diálogo com as demais áreas de estudo das humanidades, ganha notoriedade nesse contexto, a serviço de sociedades que buscam entender como a humanidade lidou com crises sanitárias no passado. A 33ª edição da *Temporalidades*, revista discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, traz o dossiê temático “História e ciência em tempos de pandemia: reflexões e perspectivas” que, hoje, se faz também em memória das mais de 135 mil mortes contabilizadas no Brasil².

Agradecemos aos autores que contribuíram com artigos para a composição do dossiê e à historiadora Vanessa Lana, pelo instigante texto que apresenta e introduz o tema desta edição. Agradecemos ainda às também historiadoras Anny Jackeline Torres Silveira e Miriam Hemerto de

¹ SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: as Conferências Reith de 1993. Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

² Dados informados às 10:20h do dia 19 de setembro de 2020, disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>

Sá Motta pelas importantes entrevistas que nos concederam, que também buscam reflexões necessárias e urgentes ao tema deste dossiê.

Finalmente, agradecemos aos autores que contribuíram com a seção de Artigos Livres:

Em *O debate parlamentar (1868 -1874) para elaboração da Lei do sorteio militar no Brasil Império*, Vinicius Tadeu Vieira Campelo dos Santos analisa os intensos debates parlamentares suscitados pela alteração nas regras de recrutamento militar brasileiro ao fim do século XVII, quando foi estabelecido o sorteio universal e vários setores da sociedade se viram diretamente afetados pela mudança.

Em *No laboratório de Luís da Câmara Cascudo: um estudo de caso da Sociedade Brasileira de Folclore*, Ewerton Wirley Silva Barros estuda os estatutos da Sociedade Brasileira de Folclore (SBF), fundada pelo intelectual Luís Câmara Cascudo (1898-1986) em 1941, buscando situar a SBF nos debates a respeito da institucionalização do saber folclórico.

Maria Emília Vasconcelos dos Santos e Flaviane Soares da Silva, no artigo *Mulheres negras, Espaço urbano e sobrenomes em Recife na década de 1890: Notas de pesquisa*, partem da perspectiva analítica da História Social para buscar compreender as dinâmicas e experiências das mulheres negras entre 1890 e 1899 na cidade de Recife a partir de notas das colunas policiais do jornal Diário de Pernambuco.

No artigo *Separatismo ou não-separatismo? A escrita da história de Varela e Docca sobre a Farrroupilha*, Pâmela Cristina de Lima analisa algumas das controvérsias em torno da Guerra dos Farrapos, ou Farrroupilha, a partir das perspectivas teóricas de Emílio Fernandes de Souza Docca e Alfredo Varela, para entender questões como o suposto separatismo dos farrapos ou a ideia de brasilidade associada ao republicanismo.

Em *Intelectualidade laica e Clérigos ultramontanos em defesa dos fundamentos da Identidade Nacional: uma análise a partir das Conferências Anchiitanas, de 1896*, Ana Rosa Clochet da Silva e Flávio Renato Varotti Filho visam entender como intelectuais laicos e clérigos ultramontanos reagiram ao advento do regime republicano, a partir dos seus discursos encontrados no primeiro volume das Conferências Anchiitanas de 1896.

Jorel Musa de Noronha Lemes busca analisar o sistema helenístico no artigo *Os diádocos e as Relações Internacionais: o sistema helenístico ao fim do século IV a.C.*, atentando-se para a possibilidade

de se classificar esse sistema como um Sistema Internacional, a partir da revisão do paradigma vestfaliano.

Em *Uma Casa para os heróis: a construção da memória de Tiradentes na sede do Poder Legislativo Federal na cidade do Rio de Janeiro (1920-1927)*, Thiago Figueiredo Martins discute os usos do passado, mais especificamente da figura de Tiradentes, na construção da sede do Poder Legislativo federal na década de 1920 no Rio de Janeiro, então capital federal.

Cibele Camargo Pereira no artigo *“Quem é que pode ser o rei?” O paiç e a linguagem de contestação da ordem no final da década de 1880*, apresenta o papel da imprensa na construção de um novo imaginário político, fundada principalmente em novo vocabulário que substitui a monarquia e o rei pela república.

Em *Criminalidade feminina e suas representações na imprensa: o caso das mulheres dos “Crimes do Agradinho” (Uberaba – MG, década de 1960)*, Máira Cristina Tomé Fonseca analisa o papel da mídia em relação a questões de gêneros na década de 60. Qual é o impacto e a representação de mulheres que além de não estarem na lógica pré-estabelecida, local de passividade e docilidade transgridem as leis e chocam a comunidade.

No artigo *Integração e conectividade comercial entre gregos e egípcios na região de Náucratis*, Allan Arthur de Souza Camuri analisa a região do Náucratis no Egito e seu papel no contexto mediterrâneo. Examinando as relações entre gregos e egípcios pela região, discute as circulações comerciais e culturais da região.

Rodrigo Gomes da Costa em *“Esses elementos que enfeiam a cidade”: Mendigos e vadios na capital da República (Rio de Janeiro, 1955 - 1960)*, discute a condição em que viviam mendigos e vadios na capital do Brasil e como o poder público. Utilizando do conceito de Laura de Mello e Souza de desclassificados, analisa também a relação do poder público da cidade do rio de janeiro durante governo federal de Juscelino Kubitschek com essas pessoas.

Em *Andar a pé: impactos da técnica moderna sobre a espontaneidade da prática da caminhada*, Marcelo Roberto Andrade Augusti analisa a mudança que a modernidade coloca em relação a prática do caminhar, saindo da técnica corporal de experiência individual para a supremacia da ciência moderna, com implicações no sujeito e suas liberdades.

No Artigo *“A liberdade não é incompatível com a ordem”: O vocabulário do Partido Liberal na Província do Espírito Santo*, Driely Neves Coutinho utiliza análises de linguagens políticas para

observar as modificações na cultura política durante o Império no Brasil. Utilizando periódicos locais da província do Espírito Santo, demonstra a consolidação do partido liberal e de concepções republicanas no período.

Marlon Andrey Nunes da Silva no artigo *A teologia da confissão positiva e o American Way of Life no Brasil: uma leitura a partir do conceito de identidade em Stuart Hall*, analisa as relações entre as pregações do missionário Romildo Ribeiro Soares e os discursos de dominação cultural do American way of life. Observa como as pregações são baseadas na cultura norte americanas mas também faz apropriações da realidade religiosa brasileira, criando uma teologia “híbrida”.

Agradecemos, por fim, aos que contribuíram com resenhas de livros para esta edição: José Antonio Abreu Colombri, que resenhou *Verdugos impunes. El franquismo y la violación sistemática de los derechos humanos* de José Babiano, Gutmaro Gómez, Antonio Míguez e Javier Tebar; Mariana de Mesquita Santos, que resenhou *Ganbadores: a greve negra de 1857 na Bahia*, de João Jose Reis; Catarina da Esperança Maquile Melo e Guirino Diniz José Nhatave que resenharam *A cruel pedagogia do vírus*, de Boaventura de Souza Santos.

Desejamos uma excelente leitura a todas e todos, com votos de que o futuro nos traga melhores ventos,

Luíza Lima Dias e Felipe Augusto Souza